

Espaço público e conexões urbanas (TFG).

Public space e urban connections (Graduation Final Project)

Daniel Chun*

*Arquiteto graduado pela Faculdade de Arquitetura do Instituto Presbiteriano Mackenzie em 1912. Na elaboração do Trabalho Final de Graduação (TFG), que deu origem ao presente, artigo contou com a orientação do Prof. Dr. Mário Figueroa.

Resumo

Este trabalho busca fazer uma reflexão acerca dos espaços ou objetos arquitetônicos que se conectam à cidade de alguma maneira, implicitamente ou explicitamente, seja na escala do bairro ou numa escala mais ampla de intervenção urbana. Esses espaços, que são como um “respiro” para a cidade vão, aos poucos, sendo abandonados, tornando-se espaços residuais e áreas pouco utilizadas. O resultado final do projeto pode estar longe de ser um projeto ideal de uma biblioteca, porém buscou-se através dela refletir sobre o tema da conexão urbana.

Palavras-chave: Arquitetura. Espaço público. Conexões urbanas.

Abstract

This paper seeks to reflect on architectural spaces or objects that are connect to the city in any way, implicitly or explicitly, at the neighborhood scale or on a more embracing intervention urban scale. These spaces, which are like a “breather” for the city, will gradually being abandoned, becoming residual spaces and underutilized areas. The final result of the project can be far from an ideal design of a library, but through it we try to reflect on the theme of urban connection.

Key-words: Architecture. Public space. Urban connections.

Introdução



Figura 1. Ágora grega. Fonte: www.jblog.com.br/reinaldo

As cidades, hoje, vêm se transformando em territórios expandidos, descentrados e policêntricos. Mais especificamente os espaços públicos, perdem aos poucos seus valores simbólicos e funcionais atribuídos desde os tempos do Renascimento. Espaço público, espaço do acontecimento, da interação, do convívio, da permeabilidade, espaço/elo da conexão entre cidade e indivíduo. Infelizmente, hoje, tudo é dinâmico e efêmero, e assim como a cidade muda, a sociedade também: os “centros” das cidades são entregues ao abandono, ao esvaziamento, enquanto os subúrbios se expandem na informalidade e os condomínios das classes mais altas tornam-se núcleos de uma urbanidade restrita, isolada do contexto. Este trabalho busca fazer uma reflexão, através de propostas de alguns projetos, dos espaços ou objetos que, implicitamente ou explicitamente conectam a cidade de alguma maneira, seja na escala do bairro ou numa escala de intervenção urbana maior.

O espaço público e a cidade

Na Grécia Clássica, os gregos acreditavam que as “praças” (ágoras) representavam o espírito público da coletividade e eram o local onde as pessoas podiam exercer a cidadania. Tradicionalmente era tarefa da esfera pública a promoção desses espaços que garantiam o interesse coletivo e zelavam pelo bem comum.

A população reunia-se nesses grandes espaços públicos, de convívio e de circulação de produtos, caracterizados como espaços construídos, permanentes e fixos, que tinham também um sentido político. Lugar onde se discutiam assuntos importantes para a vida dos cidadãos e para sociedade. Estes espaços tinham e têm, ainda hoje, um caráter simbólico que resulta indispensável na vida urbana, além de serem importantes elementos da composição da paisagem urbana (Figura 1).

Nesse sentido, praças, parques, ruas, avenidas, largos, entre outros ambientes, na qualidade dos espaços públicos, recebem e fomentam o exercício da cidadania, e, ainda, acolhem os mais variados usuários, os quais fazem uso do espaço de diversas maneiras.

Embora a maioria dos espaços públicos tenha sido mantida nas estruturas urbanas no transcorrer do tempo, sob diversas maneiras de planejar e estruturar a cidade, seu caráter social e aglutinador, de certa forma, encontra-se enfraquecido em comparação aos espaços públicos “antigos”. É possível perceber um processo de abandono e degradação física, afetiva e simbólica em relação ao espaço público, gerando locais subutilizados na malha urbana, contribuindo para a “desterritorialização”, bem como para o mal aproveitamento da infraestrutura urbana. Diante de tal fato, os espaços públicos perdem o caráter de lugares de permanência e sim, tornam-se cada vez mais apenas locais de passagem, espaços em desuso, que reforçam a percepção de isolamento e de medo.

Com isto, percebe-se um sentimento de descaso e falta de comprometimento em relação à valorização, conservação e à concepção do espaço público, não somente por parte dos usuários, mas também por parte do poder público e dos profissionais envolvidos na concepção dos mesmos. A cidade, que na origem relaciona-se com o ideal de convivência coletiva, acaba por ser percebida como território perigoso, espaço de segregação (Figura 2).



Figura 2. Vista aérea da região central de São Paulo. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1140435-america-latina-tem-80-de-seus-moradores-em-areas-urbanas.shtml>

Abandono e regeneração do espaço público

Nos anos 60, o abandono do espaço público ocorreu, entre outros motivos, em decorrência de uma perspectiva funcionalista do solo. Segundo tal perspectiva, a forma urbana não era decorrente da produção de uma estrutura de espaço público, tendo como resultado prático a existência de um espaço sem qualidade, caracterizado pela mono-funcionalidade, pelo uso fragmentado, e pelo zoneamento excessivo, bem como pela sua forma física demasiadamente rígida. Nos meados dos anos 80, com a acentuada competitividade entre as cidades, mudou-se a maneira de pensar no que tange a esses espaços. O espaço público tornou-se um elemento de competição entre as cidades, fazendo crer que a sua existência permitia a elevação do padrão cultural da qualidade de vida da sociedade. A cidade na qual habitamos, a cha-

mada cidade contemporânea, é composta por resquícios do movimento moderno, que buscou uma releitura do espaço público dos tempos antigos. Mais móvel, volátil, dinâmico e instável, o espaço público contemporâneo é caracterizado por sua pluralidade e flexibilidade, sendo cada vez mais difícil diferenciar a natureza pública ou privada dos espaços (Figuras 3 e 4).



Figura 3. Praça pública diante do Centro Georges Pompidou, Paris. Fonte: www.plataformaarquitectura.cl



Figura 4. Espaço público diante da Biblioteca de Birmingham. Fonte: www.mecanoo.nl

Conflito objeto, espaço, cidade

Neste mundo globalizado, onde acima de tudo se prezam não apenas as novas tecnologias, novos sistemas estruturais, novas técnicas e softwares, mas essencialmente as questões econômicas, a cidade, que um dia foi “um grande espaço de convivência”, foi perdendo sua identidade e vêm se tornando um grande centro de consumo, uma “cidade-mercadoria”. Grandes ruas e avenidas, sempre com intensos movimentos e fluxos de veículos, mais do que espaços de conexão, tornam-se vias de difícil circulação. Neste processo de mutação, vemos cada vez mais projetos totalmente desconectados, sem vínculo nenhum

com a cidade, e esta com piores condições de mobilidade e de comunicação.

São comuns os objetos arquitetônicos que não possuem sequer uma identidade própria, de discutível solução estética, que pouco valor agregam à cidade e acabam, por assim dizer, contaminando a paisagem urbana da cidade (Figuras 5 e 6).



Figura 5. Swiss Re Tower, Londres, 2004. Norman Foster. Fonte: www.olapisverde.blogspot.com



Figura 6. CCTV Tower, Pequim, 2004. Rem Koolhaas. Fonte: www.architizer.com

Prevalecem as preocupações com a forma dos objetos arquitetônicos, relegando a segundo plano a integração com as edificações adjacentes. Em contrapartida, convém chamar a atenção para projetos que buscam maior racionalidade e comedimento, que privilegiam as relações do objeto com o seu entorno e com a cidade como um todo, sendo a sua forma um resultado desta preocupação. Um exemplo vivo desta arquitetura é o centro cultural São Paulo. Projeto dos arquitetos Luiz Benedito Telles e Eurico Prado Lopes. O centro cultural apesar de ser um projeto relativamente de grandes proporções, estabelece uma relação de harmonia entre objeto e cidade. É nítida a força da sua inserção urbana que acaba trazendo qualidade a uma parte da cidade (Figuras 7, 8 e 9).



Figura 7. Centro Cultural São Paulo, 1982. Fonte: Jonas Chun.



Figura 8. Centro Cultural São Paulo. Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/CCSP_05.JPG



Figura 9. Vista aérea do edifício do Centro Cultural São Paulo. Fonte: Jonas Chun.

Além da implantação que contempla acessos em diferentes níveis, o projeto é todo permeável ao público com rampas que conectam os vários pisos, criando um percurso dentro do objeto e vazios que comunicam entre si os espaços internos.

Conexão urbana

Proveniente do latim cum nectere, o termo italiano connètere, consiste em conectar, interligar, pressupõe, portanto, o sentido de ligação, união, nexa, relação e coesão.

Ao pesquisar assuntos relacionados ao tema, o que mais se encontrou foram artigos que faziam referências ao tema da conexão urbana relacionada a sistemas viários, a transportes e a infraestruturas da cidade em geral. Quando se pensa no termo “conexão”, facilmente conseguimos materializá-la por meio de elementos que observamos no nosso cotidiano, como, por exemplo, pontes, viadutos e passarelas que conectam pontos distintos; escadas, rampas, pontes e elevadores que ligam diferentes níveis. No entanto, a abordagem que interessa ao presente estudo possui um viés diverso do comum (Figura 10).



Figura 10. The Peace Bridge. Fonte: www.archdaily.com

Outro elemento que pode ser considerado como conector da cidade são as ruas, podendo ser citada como exemplo, a importante Via della Conciliazione (rua da consolação), do centro histórico de Roma que conecta a Basílica de São Pedro ao Castelo de Santo Ângelo e ao rio Tibre. A referida rua foi a primeira forma de conexão direta com o Castelo de Santo Ângelo, a Praça de São Pedro e a Basílica de São Pedro. Cabe ressaltar também que, atualmente, a Via della Conciliazione tem sido a principal ligação entre Roma e a cidade do Vaticano (Figura 11).



Figura 11. Vista aérea da Piazza San Pietro e da Via della Conciliazione em Roma. Fonte: google Earth.

Por fim, chegamos aos conectores urbanos que, a nosso ver, não são tão perceptíveis quanto os elementos de ligação citados anteriormente. São os espaços públicos que atuam como interligação da malha urbana, como as praças, áreas “verdes”, pátios, bulevares. Em grande parte dos países da Europa, ainda percebemos uma grande quantidade desses elementos que dão coesão e “vida” à cidade. Correspondem a um “respiro” para a cidade, que se contrapõe ao confinamento, à concentração e profusão de espaços privados. Porque não pensar o projeto como elemen-



Figura 12. Vista aérea da Biblioteca Real da Dinamarca.



Figura 13. Biblioteca Real da Dinamarca. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=620636>



Figura 14. Biblioteca real da Dinamarca. Conexão entre o edifício histórico e a ampliação contemporânea. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php>

to de conexões? Porque não projetar as quadras criando praças e pátios permeáveis ao público? O que vemos hoje é o “boom” dos edifícios comerciais e residenciais que se fecham sobre si mesmos, murados, criam barreiras que nos impedem de “atravessar”, passear e circulam livremente por entre as quadras.

A ampliação da Biblioteca Real da Dinamarca: um projeto de referência

Situado no centro histórico de Copenhague, foi projetado para ser um dos marcos da cidade. O projeto é do escritório Schmidt, Hammer e Lassen, vencedor do concurso para a extensão da biblioteca real da Dinamarca. O edifício acaba quebrando os paradigmas da biblioteca tradicional, através de um anexo com traços totalmente contemporâneos (Figuras 12, 13 e 14).

Não entrando nos méritos funcionais e programáticos do projeto, procuro investigar, através deste projeto, as relações entre o espaço público e objeto, e como estes se interagem diante do contexto e da paisagem urbana.

A primeira impressão causada por esse projeto foi a de que (a se observar, de imediato, a forma do novo anexo) seria mais um daqueles projetos que conflitam com a cidade. No entanto, observando com maior cuidado, perceberam-se algumas relações buscadas pelos arquitetos.

Ao analisar sua implantação, percebe-se uma re-

lação de conexão entre o espaço público, o rio e o objeto. É possível notar o cuidado que os arquitetos tiveram ao recuar o edifício, localizado às margens do rio, criando assim uma área de convivência.

O prédio “novo” conecta-se ao prédio “velho” e, pode-se dizer, estabelece uma conexão entre o passado e o presente, cada um com sua morfologia, estabelecendo um “diálogo” entre si, um diálogo de tempos distintos.

O projeto

Desde os desenhos e croquis iniciais, uma das propostas do projeto que marcou sua principal intenção foi a de atribuir, mesmo que para uma pequena parte da cidade, um espaço com o papel essencial de conector da malha urbana.

O terreno escolhido, localizado no centro de São Paulo, situa-se entre a Praça Cel. Fernando Prestes e o Parque da Luz. Em meio a tantos edifícios de certa importância, optou-se por um objeto que não “conflitasse” com os demais. Com isto, na cota da cidade, a outra intenção foi propor um térreo totalmente livre e permeável ao público que por ali transitasse, estabelecendo assim uma relação de continuidade entre a praça e o parque da Luz (Figuras 15, 16 e 17).



Figura 15. Cortes do edifício proposto.

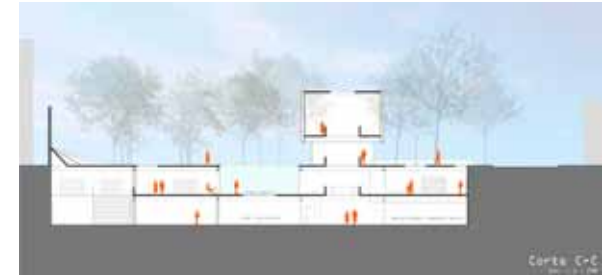


Figura 16. Cortes do edifício proposto.



Figura 17. Cortes do edifício proposto.



Figura 18. Implantação do edifício proposto.

Considerações finais

Durante a graduação no curso de arquitetura, existiram diversos momentos para reflexões e questionamentos sobre diversos temas não somente relacionados à arquitetura em si, mas também relacionados aos aspectos que contribuem



Figura 19. Projeto. Perspectiva do espaço externo.



Figura 20. Projeto. Perspectiva do espaço interno.



Figura 21. Prancha de resumo da solução proposta.

para que a mesma se torne um instrumento importante para a sociedade e para a cidade, seja por importância visual, histórica ou cultural.

No entanto, dentre diversos questionamentos levantados durante o curso, um deles, em especial, permaneceu sem uma resposta concreta: como criar espaços que se conectam à malha urbana, considerando que predominam os prédios desvinculados do contexto, como células autônomas e indiferentes ao local em que se situam?

Atualmente, diante do crescimento acelerado, persistem os problemas das grandes cidades e metrópoles cindidas territorial e socialmente. Persiste a carência ou esvaziamento dos espaços públicos, das praças, dos bulevares, entre outros. Diante da falta de zelo por parte do poder público e, muitas vezes, da indiferença da população, é necessário reafirmar uma perspectiva, não de oposição entre o espaço público e privado, mas, antes de tudo, de articulação entre essas duas categorias. Essas áreas de transição, de convívio e de conexão entre o edifício e o espaço urbano, são como um “respiro” para a cidade. Ao invés de abandoná-los, como espaços desvitalizados, espaços residuais, ou terrenos meramente disponíveis para os investidores imobiliários, pretendeu-se, com o projeto de TFG, associar ao potencial cultural e coletivo de uma biblioteca, o tema da conexão urbana.

Referências bibliográficas

BRANE, Michael. **Bibliotecas-arquitetura e instalaciones**. Barcelona, 1970. CARGHIA, Gianni e D’ANGELO, Paolo. **Dicionário de Estética**. Roma. Gius, 1999.

GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente; MÜLLER, Willy; SORIANO, Federico; MORALES, José e PORRAS, Fernando. **El Diccionario Metápolis de la Arquitectura Avanzada**. Barcelona. Actar, 2001.

KAHN, Louis I. **Conversations with students**. Nova York, 1998.

JUZWIAK, Kalina. **Margens Urbanas**. Dissertação de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, 2010.

Periódicos

ESPUCHE, Albert Garcia. **La Reconquista de Europa, Por que El Espacio Público?** TSCHUMI, Bernard. **Concepto, Contexto, Contenido**. Revista Arquine 34, 2005.

COSME, Alfonso Muñoz . **Colecciones e conexiones**. Revista Arquitectura Viva 63, 1998.

MARTHA, Luiz Fernando e LEONÍDIO, Otávio. **Midioteca da Puc-Rio**. Editora Puc Rio, 2007.